

### CONCEPÇÕES JUVENIS SOBRE OS EFEITOS DO ÁLCOOL NO AMBIENTE ESCOLAR

**Dra. Elis Maria Teixeira Palma Priotto**  0000-0003-1949-2183

**Me. Fernanda Carminati**  0000-0003-1542-9566

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

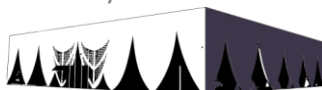
**RESUMO:** O consumo de bebida alcoólica entre adolescentes tem se mostrado como um importante problema de saúde pública, com impactos significativos no contexto educacional e social. A adolescência é uma fase de intensas mudanças biopsicossociais, marcada pela busca de identidade, experimentações e maior vulnerabilidade às influências externas, o que favorece comportamentos de risco, como o uso precoce de álcool. Diante dessa realidade, esta pesquisa objetivou examinar os principais problemas escolares relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes. Trata-se de uma pesquisa básica, de natureza descritiva, com abordagem qualitativa. A coleta de dados foi realizada por meio da técnica de grupo focal e analisada com base na análise de conteúdo. Participaram do estudo 23 adolescentes matriculados em dois colégios estaduais, abrangendo os três turnos escolares (manhã, tarde e noite). Os resultados revelaram que o consumo de álcool interfere diretamente no desenvolvimento dos adolescentes, refletindo-se negativamente no ambiente escolar. Foram identificados diversos impactos associados ao uso de bebidas alcoólicas, tais como: dificuldades de aprendizagem, queda no rendimento escolar, desmotivação, evasão escolar, conflitos com colegas e professores, além de comportamentos agressivos e comprometimento da saúde física e mental. Essas consequências afetam não apenas o desempenho acadêmico, mas também a convivência familiar e social dos adolescentes. Diante dos achados, conclui-se que é imprescindível a implementação de ações educativas contínuas no ambiente escolar, com foco na prevenção do uso de álcool, fortalecendo o vínculo entre escola, família, profissionais de saúde, gestores e a comunidade em geral. Tais ações devem promover o diálogo, a conscientização e o desenvolvimento de estratégias integradas de enfrentamento, visando à proteção e ao cuidado integral da saúde dos adolescentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comportamento de risco; Prevenção escolar; Vulnerabilidade social.

### YOUTH PERCEPTIONS ON THE EFFECTS OF ALCOHOL IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

**ABSTRACT:** Adolescent alcohol consumption has become a major public health concern, with strong educational and social impacts. This life stage involves intense biopsychosocial changes, marked by identity search, experimentation, and greater susceptibility to external influences, which encourage risk behaviors like early drinking. This study examined school-related problems linked to adolescent alcohol use. It is basic descriptive research with a qualitative approach. Data were collected through focus groups and analyzed using content analysis. Twenty-three adolescents from two public schools, across morning, afternoon, and evening shifts, participated. Results showed that alcohol use interferes with adolescent development, harming the school environment. Reported impacts included learning difficulties, lower performance, demotivation, dropout, peer and teacher conflicts, aggression, and compromised physical and mental health. These effects extend beyond school to family and social relationships. Findings highlight the need for continuous educational actions in schools, focused on prevention and stronger ties between school, family, health professionals, managers, and community. Such measures should encourage dialogue, awareness, and integrated strategies to ensure protection and comprehensive adolescent care.

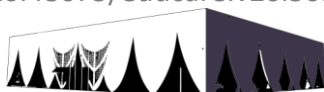
**KEYWORDS:** Risk Behavior; School-Based Prevention; Social Vulnerability



### 1 INTRODUÇÃO

O uso de bebida alcoólica tem sido considerado um dos principais fatores associados a diversos problemas sociais, de saúde e educacionais (Galduróz, 2010; Larrosa; Palomo, 2010) sendo, portanto, o tema central desta pesquisa. Observa-se que o início do consumo de álcool ocorre de forma cada vez mais precoce, muitas vezes ainda durante a infância ou no início da adolescência. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2002), o critério cronológico para definição de criança abrange indivíduos de zero até nove anos, onze meses e vinte e nove dias, enquanto a adolescência corresponde ao período entre dez e dezenove anos, onze meses e vinte e nove dias. A adolescência é compreendida como uma fase do desenvolvimento humano situada entre a infância e a vida adulta, caracterizada por intensas mudanças físicas, emocionais e sociais. Trata-se de uma faixa etária de especial preocupação quanto ao uso de substâncias psicoativas, sejam lícitas – como o álcool – ou ilícitas, uma vez que os adolescentes ainda não possuem a mesma maturidade emocional e cognitiva que os adultos, além de estarem mais suscetíveis à estimulação social e à influência de pares (Oliveira-Monteiro; Ramos, 2016; Becker, 2017; Meireles; Cintra, 2018). Ademais, fatores como curiosidade, fragilidade nas relações familiares, busca por aceitação social e ausência de políticas públicas efetivas de prevenção contribuem para o aumento do consumo de álcool entre jovens. Essa realidade evidencia a necessidade de medidas intersetoriais voltadas à promoção da saúde e à proteção integral do adolescente frente aos riscos relacionados ao uso precoce de substâncias.

Diante do exposto, sabe-se que o consumo de substância lícita – o álcool – é considerado um dos fatores relacionados ao abandono e à evasão escolar e o início do seu consumo tem sido cada vez mais frequente na adolescência, grupo afetado pelo impacto de vulnerabilidades como a pobreza, violência, exploração sexual, baixa escolaridade, exploração do trabalho, gravidez, abuso de drogas



licitas, ilícitas e a privação da convivência familiar e comunitária (*United Nations International Childrens Emergency Fund*, 2011).

Contudo, fatores de exclusão escolar são diversos e ultrapassam os muros da escola, e, uma vez nela, têm assegurado seu direito de permanecer estudando, de progredir nos estudos e de concluir toda a educação básica na idade certa; há de se considerar que essas barreiras podem ser socioculturais e econômicas, e podem estar vinculadas às questões educacionais, políticas, financeiras e técnicas (UNICEF, 2017).

Baseado nesses elementos este estudo objetivou identificar os principais problemas escolares relacionados ao uso do álcool, citados pelos adolescentes escolares de Ensino Fundamental Final, Ensino Médio e EJA da cidade de Foz do Iguaçu – PR, tendo como questão investigativa: quais são os conhecimentos que o adolescente tem sobre o uso de bebida alcoólica e as causas que podem estar relacionadas aos problemas escolares?

Em virtude disso, na presente pesquisa poderá contribuir com políticas públicas relacionadas ao uso do álcool na adolescência visto que é considerada como um dos fatores que desencadeiam problema biopsicossocial.

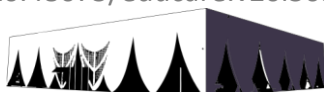
Considerando a questão colocada em seguida serão expostos o referencial teórico, os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa e seus principais resultados e discussão.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1 Adolescência e Vulnerabilidade

Partindo para origem etimológica do termo adolescência, Outeral (1994) descreve:

Adolescente do latim *adolescere*, significa adoecer, enfermar. Temos assim, nessa dupla origem etimológica, um elemento para pensar esta etapa de vida: aptidão para crescer (não apenas no sentido físico, mas também psíquico) e para adoecer (em termos de sofrimento emocional, com as



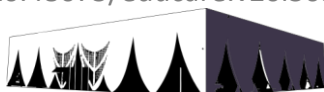
transformações biológicas e mentais que operam nesta faixa de vida) (Outerl, 1994, p. 6).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002 apud BRASIL, 2010), compreende-se por adolescência a faixa etária dos 10 aos 19 anos – definição que será adotada como referencial nesta pesquisa. Esse período pode ser subdividido em etapas distintas: o período inicial (10 a 13 anos), marcado pelo crescimento acelerado e pela puberdade; o período médio (14 a 16 anos), caracterizado pelo desenvolvimento do intelecto e pela identificação com grupos de pares; e o período final (17 a 20 anos), que corresponde à consolidação das ideias e da identidade, além da aproximação e ingresso no mundo adulto (Behrman; KliegmanL; Jensen, 2003). Compreender essas fases é essencial para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e promoção da saúde voltadas ao público adolescente.

Contudo, Papalia e Feldman (2013) salientam que os primeiros anos da adolescência são mais propícios ao uso e abuso de substâncias lícitas e ilícitas, ressaltando que “estas estimulam áreas cerebrais ainda em desenvolvimento; sendo assim, quanto mais cedo se inicia o consumo, maior é a chance de dependência” (p. 394). A consequência dessa condição se revela no rendimento escolar dos adolescentes.

No período da adolescência, o indivíduo pode ficar vulnerável em decorrência das transformações biológicas ocorridas em seu corpo, mudanças sem precedentes provocadas, no mundo moderno, pelo impacto da explosão demográfica, do progresso científico, da tecnologia, das comunicações, das novas aspirações humanas e da rápida transformação social (Campos, 2010).

Segundo Schenker e Cavalcante (2015), a vulnerabilidade deve ser entendida como condições de desigualdade social ou falta de recursos materiais, diversas modalidades de desvantagens enfrentadas por alguns grupos, tais como fragilização dos vínculos de pertencimento, violência, perda dos direitos fundamentais, alto índice de reprovação escolar, falta de perspectivas



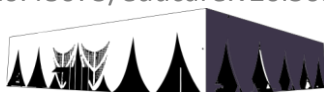
profissionais e de projetos para o futuro, além da inserção precoce no mundo do trabalho.

Diante disso, compreender as vulnerabilidades do adolescente implica conhecer as condições que podem deixá-los em situação de fragilidade e expô-los ao adoecimento, permitindo pensar a prevenção para além da responsabilização pessoal, apontando para dimensões sociais, como a questão da realidade socioeconômica e cultural que pode dificultar ou impedir o acesso à informação, às políticas públicas de proteção, aos insumos e aos serviços de saúde públicos (Secretaria de Estado da Saúde, 2013).

## 2.2 Adolescente e a Escola

Para Silva (2016), a escola deve possuir estrutura, organização, equipamentos e infraestrutura adequados para a aprendizagem, sendo necessário que seus gestores e demais envolvidos tenham consciência da importância desse espaço para a realização do processo democrático educacional. Freire (1997) enfatiza que a escola deve ser um lugar de trabalho, ensino e aprendizagem, um ambiente onde a convivência permita o contínuo processo de superação, pois a escola é um espaço privilegiado para o pensamento.

Sabe-se que a escola é um ambiente privilegiado de encontros e interações entre adolescentes, constituindo um importante agente de sociabilidade ao reunir a comunidade de pares e dispor de fortes instrumentos para a promoção da autoestima e do autodesenvolvimento (Schenker; Minayo, 2004). Pode-se afirmar que é, sobretudo, na escola que crianças e adolescentes encontram condições para o enriquecimento das relações interpessoais, o desenvolvimento do senso crítico, social, o sentimento de solidariedade e participação, o exercício da criatividade, a manifestação franca e livre do pensamento, preparando-os para o pleno exercício da cidadania (Sotto Maior Neto, 2004).



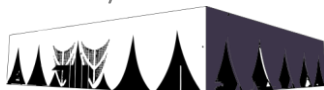
Para tanto, é fundamental entender que o adolescente é um viajante que deixou um lugar e ainda não chegou ao seguinte, vivendo um período entre liberdades anteriores e responsabilidades, uma última hesitação antes dos compromissos sérios da fase adulta (Losacco, 2005). Entretanto, segundo Priotto (2009), a escola nem sempre está preparada para reconhecer e, conseqüentemente, para lidar com os problemas que o adolescente traz consigo. A autora destaca que a escola tem por finalidade ensinar, socializar a cultura e orientar os educandos para compreenderem a realidade em que vivem, tornando-os capazes de conviver em uma sociedade em constante transformação cultural, política, econômica, científica e educacional.

Nas últimas décadas, estudiosos de diversos segmentos colaboram com reflexões acerca do processo educativo com alunos adolescentes, abordando questões como falta de limites, baixo rendimento acadêmico, violência, desrespeito às autoridades e responsabilização penal (Nosella, 1989; Guimarães, 1996; Cohen, 2006; Checchia, 2010; Aguiar; Almeida, 2011; Pereira, 2012).

Ao falar de educação, entende-se algo capaz de nortear o conhecimento e a capacidade do cidadão para se relacionar individualmente ou em conjunto com a comunidade onde vive, pois, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996), a educação abrange processos formativos que ocorrem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais, nas organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (Carvalho, 1998).

O direito de acesso à escola formal é garantido constitucionalmente, sendo essa a instituição de maior expressão educacional na sociedade, pois se configura como espaço onde o aluno pode interagir. Dessa forma, é função da escola garantir a todos os alunos o acesso ao conhecimento científico e erudito, visto que o domínio desse conhecimento é condição essencial para o exercício da cidadania (Saviani, 2000).

A visão atual da escola é a de que ela seja capaz de formar cidadãos indagadores e atuantes na sociedade. Para alcançar esse objetivo, é imprescindível



que a instituição trabalhe temas emergentes no âmbito social e utilize estratégias didáticas que favoreçam a aprendizagem significativa (Vieira; Farias, 2007).

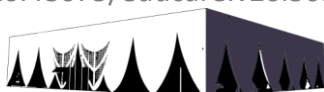
O processo de ensino e aprendizagem tem seu início na sala de aula, desenvolvido num diálogo contínuo entre os envolvidos no processo, como esclarece Paulo Freire (1996, p. 80), ao enfatizar que há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e esperança (...) a esperança de que o professor e os alunos juntos podem aprender ensinar, inquietar-nos, produzir junto igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria.

Nesse sentido, Priotto (2009) destaca que a escola deve ser reconhecida pelos adolescentes como um espaço que vai além do aprendizado de conceitos, fatos, princípios e procedimentos que contribuem para a construção das capacidades intelectuais para operar com símbolos, signos, ideias e imagens na representação e vivência da realidade. Além disso, deve ser um local onde possam expressar seus questionamentos e conviver com a diferença.

### 2.3 Fracasso escolar e fatores relacionados

O termo fracasso escolar é utilizado para representar situações de baixo desempenho escolar, dificuldades de aprendizagem e/ou comportamentais, reprovações, defasagem entre ano/série/idade e evasão escolar (Pozzabon; Mahendra; Madrin, 2017).

Para Patto (1999), o fracasso escolar está intimamente ligado à forma capitalista de compreender a realidade, que preserva a situação de dominação sofrida pelas famílias mais pobres. A autora sugere a necessidade de interrogar o discurso que atribui o fracasso à culpa do aluno ou de sua família, chamando atenção para a proporção muito maior dos determinantes institucionais e sociais na produção do fracasso escolar, em comparação com problemas emocionais, orgânicos e neurológicos, rompendo assim com visões psicologizantes, de carência cultural e dificuldades de aprendizagem.



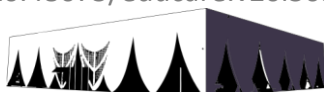
Scoz (1994) destaca que a culpa ainda é atribuída a problemas individuais dos alunos, prevalecendo um padrão conservador que utiliza estratégias para culpar a vítima pelo próprio fracasso. Segundo Charlot (2000), não existe o fracasso escolar em si, mas sim alunos em situação de fracasso — alunos que não conseguem aprender o que se espera, que não constroem certos conhecimentos ou competências, e que reagem com condutas de retração, desordem e agressão.

Segundo Paiva (1998, p. 52), “a condição socioeconômica do Estado e dos indivíduos envolvidos no processo de aprendizagem influencia na qualidade do ensino, que por sua vez acaba por refletir também na questão de aprovação, reprovação e repetência”. Os problemas sociais são conhecidos, tais como a ausência de recursos para investimento na educação e a marginalização das cidades, o que gera situações precárias que refletem negativamente no ensino brasileiro (Pinheiro, 2018).

Em estudo realizado por Pozzobon, Mahendra e Marin. (2017), referiram a tendência ao uso de drogas por parte daqueles que acabam se enquadrando no perfil de fracasso escolar; relataram, ainda, que observaram comportamentos disfuncionais de colegas, demonstrando conhecerem os riscos de marginalização, criminalidade e o risco de gravidez não planejada na adolescência.

Percebe-se que o Fracasso Escolar persiste ao longo da história e parece estar imune às ações já desenvolvidas na tentativa de redução (Patto, 1999). No limiar do século XXI, o fracasso escolar é compreendido como um elemento que expressa a complexidade da sociedade atual, produzido por múltiplas determinações; no entanto, os termos fracasso e evasão escolar foram substituídos pelos termos: dificuldades de aprendizagem; sucesso/insucesso e permanência nos debates e pesquisas educacionais (Santos, 2018).

### 3 METODOLOGIA



Este estudo tem abordagem qualitativa, entendida como aquela que se ocupa do nível subjetivo e relacional da realidade social e é tratada por meio da história, do universo, dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes dos atores sociais procurando insistentemente compreender e interpretar, da forma mais fiel possível, a lógica interna dos sujeitos que estuda, e dar conhecimento de sua verdade (Minayo, 2007).

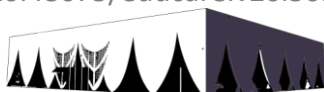
De natureza básica, que visa produzir conhecimento por meio de conceitos, tipologias, verificação de hipóteses e elaboração de teorias que possuam relevância na disciplina acadêmica, ancoradas de determinadas escolas de pensamento, sem dispensar a pesquisa empírica; a observação de uma situação é utilizada como meio de comprovar proposições ou hipóteses, sem preocupação de resolução de problemas; seus resultados são generalizáveis e expostos em livros e revistas e submetido à avaliação dos pares (Thiollent, 2009).

Com análise descritiva, que busca identificar o registro e a análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou o processo estudado (Perovano, 2014). E, finalmente, é uma pesquisa de cunho exploratório, por proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses que estimulem a compreensão (Gil, 2007).

O cenário escolhido para a pesquisa foi o município de Foz do Iguaçu, que faz fronteira com o Paraguai e Argentina, com uma população de 256.081 habitantes sendo 19,2% na faixa etária de 10 a 19 anos, o que equivale aproximadamente a 49.167 adolescentes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE, 2010).

Este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Unioeste (CEP/UNIOESTE), no início do mês de julho de 2018, e foi aprovado pelo CEP em agosto de 2018, sob o Parecer n.º 2.809.116.

### 3.1 Participantes



Logo após, foi realizada a seleção aleatória dos alunos matriculados do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental Final e do Ensino Médio e alunos matriculados no EJA, no ano de 2019. Assim sendo, foi agendado um encontro com os adolescentes para explicar sobre a pesquisa e seus objetivos. Aos adolescentes selecionados que concordaram, foram entregues o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento (TA) e, então, agendadas as datas para a realização do grupo focal.

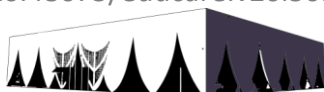
Morgan (1997) define Grupo Focal (GF) como uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais, que coleta informações por meio das interações grupais e, segundo os objetivos da investigação, cabe a criação de um ambiente favorável à discussão, que propicie aos participantes manifestar suas percepções e pontos de vista (Minayo, 2007).

No colégio A, foram sorteados 12 alunos do período matutino. Destes, permaneceram nove alunos nas três sessões e 12 alunos do período vespertino, dos quais permaneceram oito alunos. No colégio B foram sorteados 12 alunos matriculados no EJA e Ensino Médio do período noturno; destes, permaneceram nas sessões seis adolescentes.

Para a coleta de dados, utilizou-se de entrevista com a técnica de Grupo Focal, tendo - como roteiro previamente planejado - uma pergunta aberta mostrada a seguir: cite as causas que podem estar relacionadas ao uso do álcool aos que estão na escola estudando.

A coleta de dados no Colégio A ocorreu no período de março a maio de 2019. No colégio B, para o EJA e Ensino Médio Regular noturno, no mês de agosto e setembro de 2019.

### 3.2 Análise de dados



Na análise dos dados, os adolescentes participantes foram reclassificados para facilitar a organização das informações, utilizando-se a letra F para identificar as adolescentes do sexo feminino e M para os adolescentes do sexo masculino. Assim, foram numerados por ordem da pesquisa, sendo para as adolescentes do número 1 ao 16 e os adolescentes de 1 a 7, ficando, ou seja, para as adolescentes (F1; F2; F3; F4; F5; F6; F7; F8; F9; F10; F11; F12; F13; F14; F15 e F16) e para os adolescentes (M1; M2; M3; M4; M5; M6 e M7).

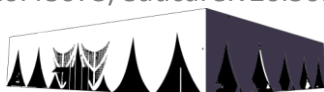
Na análise dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo, no qual Minayo (2003, p. 74) propõe “verificar hipóteses e/ou descobrir o que está por trás de cada conteúdo manifesto (...) o que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado e/ou simbolicamente explicitado sempre será o ponto de partida para a identificação do conteúdo manifesto (seja ele explícito e/ou latente)”.

Nesta pesquisa, todos os critérios de sigilo e recomendações as quais à Resolução 466/2012, sobre pesquisa envolvendo seres humanos instituídos pela do Conselho Nacional de Saúde (CNS), foram adotados.

### 3.3 Resultados

Participaram deste estudo 23 adolescentes, com idades entre 11 e 17 anos, sendo a média de idade de 13 anos. As idades de 11 e 12 anos contaram com um participante cada (4,3%); aos 14 anos, foram três participantes (13%); aos 15 anos, dois (8,7%); aos 16 anos, quatro (17,4%); e aos 17 anos, cinco (21,8%). Em relação ao sexo, a maioria foi composta por 16 (69,5%), adolescentes do sexo feminino e sete (30,5%) do sexo masculino.

Verificou-se que 87% dos adolescentes entrevistados já haviam consumido bebidas alcoólicas. Entre esses, 65% eram do sexo feminino e 35% do sexo masculino.



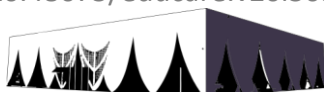
No que diz respeito ao histórico escolar, seis adolescentes (26,1%) do período noturno apresentavam histórico de reprovação. No período matutino e vespertino, esse número foi de quatro (17,4%), totalizando 10 participantes (43,5%) com histórico de reprovação – um número considerado elevado. As justificativas para a reprovação foram diversas, incluindo mudanças frequentes de escola, atrasos relacionados ao trabalho e cansaço. No entanto, os participantes negaram que o consumo de bebidas alcoólicas estivesse diretamente relacionado ao insucesso escolar.

Entretanto, com base nas falas dos próprios adolescentes, foi possível observar que os problemas decorrentes do uso de bebidas alcoólicas incluem: envolvimento em acidentes, episódios de violência, dificuldades de adaptação social, negligência, comportamentos desordenados, problemas de relacionamento interpessoal, além de impactos significativos na saúde física e mental, como prejuízos à memória, diminuição de capacidades cognitivas, dificuldades de concentração, problemas hepáticos, cardiovasculares e diversos sintomas fisiológicos associados à ressaca.

## 4 DISCUSSÕES

Para que se possa compreender melhor, Priotto e Nihei (2016), comentam que o delineamento de uso de bebida alcoólica dos adolescentes é de grande relevância aos profissionais de saúde, da área social da segurança e do jurídico, pois possibilita definir ações de prevenção, conforme as necessidades desta população e, neste caso, a pesquisa destacou e incluiu a Educação para também.

Neste contexto, o uso do álcool foi analisado como um fator relacionado aos problemas escolares na adolescência. Drogas como o álcool interferem no funcionamento dos neurotransmissores, provocando alterações e distúrbios comportamentais (Masur; Carlini, 1989). Além disso, as drogas inibem a neurogênese, prejudicando o desenvolvimento cerebral e comprometendo o



desempenho neuro cognitivo, o que interfere negativamente em atividades básicas do cotidiano dos adolescentes, tais como alimentação, sono, higiene, estudos, frequência escolar e relações interpessoais (Reis; Oliveira, 2015; Santos *et al.*, 2016).

Os adolescentes pesquisados relataram efeitos do consumo de álcool em seu desempenho escolar, conforme exemplificado a seguir:

“[...] você tem preguiça de pegar o caderno” (M2).  
“[...] reprovei por causa de dormir demais na sala e por falta” (M6).  
“[...] eu vim umas duas, três vezes para escola sob efeito do álcool, sentindo bastante sono, a professora não precisa me tirar da sala, só sono e cansaço” (M7).

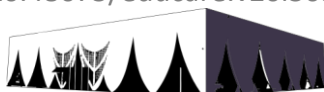
De acordo com Rosa, Loureiro e Sequeira (2018), o uso e abuso do álcool faz com que adolescentes apresentem dificuldades de autocontrole e falta de responsabilidade, o que também foi corroborado nas falas dos participantes:

“[...] ele fica viciado, não faz as coisas que tem que fazer” (M3).  
“[...] quando eu vim para a escola bêbada, eu ficava parada, não sabia de nada no outro dia” (F2).  
“[...] não conseguia fazer nada” (F3).  
“[...] faz mal a muitas pessoas e faz perder a noção do que está fazendo e do que está dizendo” (F8).  
“[...] pode fazer muito mal e também pode tirar pessoa do colégio” (M4).

O consumo de bebidas alcoólicas está relacionado a prejuízos nas habilidades emocionais, cognitivas e comportamentais, levando a dificuldades de aprendizado e baixo desempenho escolar, devido a problemas de concentração (Sociedade Brasileira de Pediatria - SBP, 2007). Exemplos relatados pelos adolescentes reforçam essa questão e evidenciam a identificação do conteúdo manifesto.

Dificuldades cognitivas e de concentração:

“[...] não consegue aprender, você não consegue raciocinar nesse momento” (M3).



“[...] eu bebi e vim sobre efeito, senti muita tontura, não conseguia nem olhar para o quadro, tudo ficava girando” (F4).

“[...] não consegue prestar atenção direito [...] fica viajando” (M5).

“[...] desenvolve menos [...] senti fraqueza, perdi a noção das coisas, não consegui raciocinar” (M2).

“[...] quando estou bêbada não consigo concentrar” (F2).

### Problemas de memória e impacto no rendimento escolar:

“[...] amnésia pode dar” (M6).

“[...] acho que a memória da pessoa fica mais lenta” (F11).

“[...] atrapalha porque você não consegue entender o que o professor está falando, você precisa ir embora, daí você perde matéria, perde um monte de coisa” (F5).

### Relação entre uso de álcool e outras drogas, o desinteresse e a evasão escolar:

“[...] eu acho que as pessoas muitas vezes gazeiam a aula para beber e usar outras drogas” (F6).

Frequentemente, adolescentes que consomem bebidas alcoólicas faltam às aulas, prejudicando o desempenho escolar (Anjos; Santos; Almeida, 2012). As falas abaixo ilustram essa associação:

“Quando bebe, não consegui vir para a escola” (F12).

“Quando a gente está bêbada, não tem como vir” (F7).

“Quando a gente bebe, é difícil acordar no outro dia” (F2).

Além das ausências, o consumo de álcool está associado à perda de interesse pelas atividades escolares:

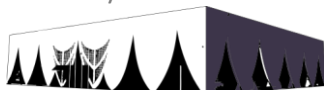
“O aluno fica mais desinteressado” (M7).

“Fica desinteressado, gazeia aula para beber” (M4).

“Eu acho que você perde o interesse nos estudos” (F1).

“É, perde o foco nos estudos” (M8).

Segundo Faden (2005), adolescentes que consomem bebidas alcoólicas podem apresentar diversas consequências negativas, incluindo problemas sociais



e escolares, práticas sexuais sem proteção e maior risco de violência. As falas dos adolescentes reforçam essa percepção:

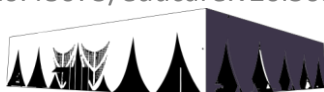
“Se eu beber no domingo para segunda, sim, interfere muito no meu aprendizado, e com certeza você vem cansado e muito exausto” (F1).  
“Quem bebe não tem condições de vir para a escola, atrapalha os outros, faz confusão” (M3).

Ainda conforme Anjos, Santos e Almeida (2012), o consumo de álcool por adolescentes está relacionado a faltas, comportamentos como dormir em sala de aula e chegar atrasado após festas, condutas que corroboram a literatura especializada. As declarações a seguir ilustram esses impactos:

“Quando saio na sexta, sábado e domingo, devido a ir e beber, aí não consigo ir para a escola” (F6).  
“Quando estou bêbada, não tenho condições de vir para a escola” (F2).  
“Quem estuda de manhã e foi na festa à noite vai vir com cansaço muito excessivo e vai acabar não entendendo” (F8).  
“Saio e bebo à noite, só que o problema é que não consigo acordar para ir para a escola. Acordo zonza, com dor de cabeça, e só quero ficar deitada” (F11).

Destaca-se ainda o papel do grupo social e da mídia, que incentivam e enaltecem o uso do álcool (Oliveira; Argimon, 2015; Schenker; Minayo, 2005), apresentando-o como algo divertido e engraçado, apesar dos riscos evidentes, especialmente no desempenho escolar. Os adolescentes também mencionaram as consequências negativas desse consumo:

“[...] as pessoas que usam o álcool e vêm para o colégio sentem tontura e não conseguem copiar” (M5).  
“[...] ele me atrapalhou no final do trimestre, eu tirei muitas notas vermelhas, chamaram meus pais para falar do meu comportamento na sala” (M6).  
“[...] todo mundo percebeu que eu estava bêbada no outro dia, morri de vergonha” (F3).



As falas evidenciam claramente a: Percepção dos impactos negativos do consumo de álcool no desempenho escolar e abandono escolar:

“Atrapalha muito na escola, a gente fica agitado” (F1).

“Pode atrapalhar muito na concentração” (F12).

“O uso de bebida não colabora com meu aprendizado” (F1).

“Não colabora na minha aprendizagem, pois quando eu bebo não consigo me concentrar” (M3).

“Se bebe diariamente, atrapalha nos estudos” (M6).

“Para quem consome vários dias, a chance é muito maior de abandonar a escola” (M3).

“Acho que pode atrapalhar muito, fazer a pessoa pensar em desistir” (F5). Além disso, há uma compreensão mais ampla dos danos associados ao álcool:

“O álcool não ajuda as pessoas em nada, não ajuda nos aprendizados, só causa danos” (F8).

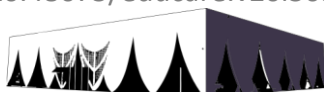
Nas falas obtidas dos adolescentes, evidenciou-se que o consumo de bebida alcoólica pode gerar diversas consequências negativas para o adolescente e para a sociedade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas falas obtidas dos adolescentes, evidenciou-se que o consumo de bebida alcoólica pode gerar diversas consequências negativas para o adolescente e para a sociedade.

Esta pesquisa atingiu seu objetivo ao identificar e mostrar os danos sociais, biológicos e educacionais ao uso de álcool e outras drogas envolvendo adolescentes estudantes.

Tanto que os resultados e discussões constataram que o consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes é uma constante. Mesmo com a proibição legal da venda para menores de dezoito anos, o início do uso de bebidas alcoólicas entre os adolescentes do Ensino Fundamental – Anos Finais, Ensino Médio e EJA ocorreu de forma precoce.

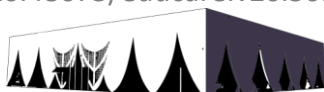


Evidenciando que os adolescentes pesquisados reconhecem os riscos do consumo de bebidas alcoólicas, tanto ao nível individual quanto coletivo, e Como estratégia para facilitar a construção do conhecimento nas diversas áreas do saber, é importante estudar a cultura que envolve esses adolescentes, a fim de mantê-los no ambiente escolar durante toda a formação básica. Ressaltando-se a importância do apoio conjunto da família, da escola e da sociedade para o enfrentamento dessa problemática.

reconhecem os prejuízos escolares. Os dados obtidos confirmam a importância da investigação sobre o uso de álcool e outras drogas e seus impactos na formação educacional, comprovando a necessidade urgente de ações e intervenções voltadas à promoção da saúde e à prevenção do uso precoce de álcool, substância lícitas e outras ilícitas. E o que se busca nesta tentativa de compreensão é que o consumo excessivo de álcool na adolescência deixou de ser apenas uma questão de saúde pública, tornando-se, também, um problema educacional significativo.

Dessa forma, espera-se que os dados obtidos e suas análises possam subsidiar informações relevantes para a estruturação de políticas públicas que possibilitem o acompanhamento e a prevenção. Torna-se necessário estruturar as escolas e colégios para a realização de atividades em grupo e dinâmicas voltadas a essa faixa etária, com temáticas relacionadas ao uso e consumo de álcool e outras drogas, muitas vezes aproximando os conteúdos da realidade vivenciada pelos adolescentes.

Como estratégia para facilitar a construção do conhecimento nas diversas áreas do saber, é importante estudar a cultura que envolve esses adolescentes, a fim de mantê-los no ambiente escolar durante toda a formação básica. Ressaltando-se a importância do apoio conjunto da família, da escola e da sociedade para o enfrentamento dessa problemática.



### REFERÊNCIAS

AGUIAR, R. M. R. A.; ALMEIDA, S. F. C. **Mal-estar na educação**: o sofrimento psíquico de professores. Curitiba: Juruá, 2011.

ANJOS, K. F.; SANTOS, V. C.; ALMEIDA, O. S. Perfil do consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes escolares. **Revista Saúde Com**, 2012; 8(2):20-31. DOI: 10.22481/rsc.v8i2.1234. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/217>. Acesso em: 17 jul. 2023.

BECKER, K. L. **O efeito da interação social entre os jovens nas decisões de consumo de álcool, cigarros e outras drogas ilícitas**. Estud. Econ. São Paulo, v. 47, n. 1, p. 65-92, mar. 2017. DOI: 10.1590/0101-416147172kkl. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ee/a/P7RyjFw9qhHQLy954SwL3wM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 jul. 2023.

BEHRMAN, R. E.; KLIEGMAN, R. M.; JENSEN, H. B. **Nelson text book of pediatrics**. 17. ed. Philadelphia: Saunders, 2003.

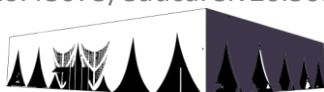
BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, Brasil.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes Nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Seção 1, p. 59. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html). Acesso em: 17 jul. 2023.

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da adolescência**: normalidade e psicopatologia. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

CARVALHO, D. P. **A Nova Lei de Diretrizes e Bases e a formação de professores para a educação básica**. Ciênc. educ. (Bauru), v. 5, n. 2, p. 81-90, 1998. DOI: 10.1590/S1516-73131998000200005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/TGxy7Jw4J4Klf6NkTM3DBzN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 jul. 2023.



CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHECCHIA, A. K. A. **Adolescência e escolarização**: uma perspectiva crítica em psicologia escolar. Campinas: Alínea, 2010.

COHEN, R. H. P. **A lógica do fracasso escolar**: psicanálise & educação. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

FADEN, V. Epidemiology. In: GALANTER, M. (ed.). **Recent developments in alcoholis**. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2005. v. 17, p. 1-4.

FREIRE, P. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GALDURÓZ, J. C. et al. Fatores associados ao uso pesado de álcool entre estudantes das capitais brasileiras. **Revista Saúde Pública**, v. 44, n. 2, p. 267-273, 2010. DOI: 10.1590/S0034-89102010000200012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/jvCr4BJRpLvzWxvrBzqJm4L/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 17 jul. 2023.

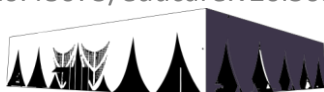
GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GUIMARÃES, A. **Indisciplina e violência**: a ambiguidade dos conflitos na escola. São Paulo: Summus, 1996.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2019**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

LARROSA, S. L.; PALOMO, J. L. R. A. *Factores de riesgo y de protección en el consumo de drogas en adolescentes y diferencias según edad y sexo*. **Psicothema**, v. 22, n. 4, p. 568-573, 2010. DOI: 10.7334/psicothema2010. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/47734570\\_Factores\\_de\\_riesgo\\_y\\_de\\_proteccion\\_en\\_el\\_consumo\\_de\\_drogas\\_en\\_adolescentes\\_y\\_diferencias\\_según\\_edad\\_y\\_sexo](https://www.researchgate.net/publication/47734570_Factores_de_riesgo_y_de_proteccion_en_el_consumo_de_drogas_en_adolescentes_y_diferencias_según_edad_y_sexo). Acesso em: 17 jul. 2023.

LOSACCO, S. O jovem e o contexto familiar. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (Orgs.). **Família**: redes, laços e políticas públicas. São Paulo: Cortez - Instituto de Estudos Especiais - PUC/SP, 2005.



MALTA, D. C. *et al.* Prevalência do consumo de álcool e drogas entre adolescentes: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 14, n. 1, p. 136-146, 2011. DOI: 10.1590/S1415-790X2011000100013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/VW5gKfdVdR9FkZxLCrSy6dC/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 17 jul. 2023.

MEIRELES, A. C. A.; CINTRA, D. F. Fatores de risco para o uso de drogas: considerações sobre a saúde mental de adolescentes brasileiros. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 4, n. 4, p. 125-141, abr. 2018. DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.v4i4.1234. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/riscos-drogas>. Acesso em: 17 jul. 2023.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. **Caderno Saúde Pública**, v. 14, n. 1, p. 35-42, jan. 1998. OI: 10.1590/S0102-311X1998000100014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/xzCHYX4w88D36ZswRjLGVfB/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 jul. 2023.

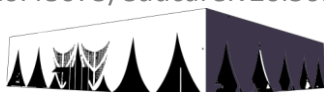
MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MOREIRA, M. O. O papel da escola na prevenção ao uso de drogas. In: ZIMERMAN, D. E. (Org.). **Drogas: prevenção e tratamento**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 123-138.

MOURA, Y. G.; FERREIRA, C. M. S. L. Uso de álcool e drogas entre adolescentes: fatores de risco e estratégias de prevenção na escola. **Revista Ciência & Saúde**, v. 10, n. 2, p. 155-162, jul./dez. 2017. DOI: 10.1590/ciensaude.v10n2.2017.155162. Disponível em: <https://revistacienciaesaude.org/artigo/uso-alcool-drogas-adolescentes>. Acesso em: 17 jul. 2023.

NASCIMENTO, M. O. L.; SILVA, R. A.; COSTA, A. L. S. A influência dos pares no uso de substâncias psicoativas por adolescentes escolares. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 5, n. 1, p. 137-145, jan./mar. 2015. DOI: 10.5902/2179769215432. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/15432>. Acesso em: 17 jul. 2023.



NUNES, M. F. O. *et al.* Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares e fatores associados. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, supl. 1, p. 251-258, 2019. DOI: 10.1590/0034-7167-2018-0444. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/xyz>. Acesso em: 17 jul. 2023.

OMS – Organização Mundial da Saúde. **Relatório mundial sobre drogas 2019**. Genebra: *United Nations Office on Drugs and Crime*, 2019.

PEREIRA, A. P. D.; TORRES, V. M. A escola como espaço de promoção da saúde e prevenção ao uso de drogas. **Revista Brasileira de Promoção da Saúde**, Fortaleza, v. 24, n. 3, p. 236-243, jul./set. 2011. DOI: 10.5020/18061230.2011.p236. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/2060>. Acesso em: 17 jul. 2023.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

PINHEIRO, P. S. **Adolescência e juventude**: uma abordagem psicossocial. São Paulo: Cortez, 2000.

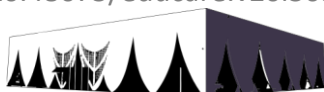
REIS, C. S.; OLIVEIRA, M. M. R. Prevenção ao uso de drogas no ambiente escolar: a importância da capacitação de professores. **Revista Educação em Questão**, v. 53, n. 42, p. 163-185, 2015.

RIBEIRO, L. G. S.; SANTOS, M. A. Drogas na adolescência: o papel da família e da escola na prevenção. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 18, n. 2, p. 124-138, 2016. DOI: 10.5935/1980-6906/psicologia.v18n2p124-138. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872016000200010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872016000200010). Acesso em: 17 jul. 2023.

RIBEIRO, M. O.; BESSA, M. S. O adolescente e o uso de drogas: implicações para a enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 34, n. 1, p. 87-93, 2013. DOI: 10.1590/S1983-14472013000100011.

RODRIGUES, C. S. *et al.* O uso de drogas por adolescentes escolares e a influência dos pares. **Revista de Saúde Pública**, v. 48, n. 1, p. 67-74, 2014. DOI: 10.1590/S0034-8910.2014048004920. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/123>. Acesso em: 17 jul. 2023.

ROSA, A. A.; PEREIRA, R. M. A atuação da escola na prevenção ao uso de drogas entre adolescentes. **Revista de Educação Pública**, v. 27, n. 64, p. 231-246, 2018. DOI: 10.29286/rep.v27i64.5739. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/5739>. Acesso em: 17 jul. 2023.



SANTOS, A. S.; COSTA, M. L. Educação e prevenção ao uso de drogas: desafios e possibilidades na escola. **Revista Educação e Saúde**, v. 6, n. 2, p. 45-55, 2018. DOI: 10.1234/edusaude.v6n2p45. Disponível em: <https://revistaedusaude.org/article/view/321>. Acesso em: 17 jul. 2023.

SANTOS, J. F. *et al.* O consumo de álcool entre adolescentes escolares: um problema de saúde pública. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 4, p. 1185-1193, abr. 2016. DOI: 10.1590/1413-81232015214.04472015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/123>. Acesso em: 17 jul. 2023.

SILVA, E. A.; ROCHA, M. M. A importância da família na prevenção do uso de drogas por adolescentes. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 2, p. 45-52, 2019. DOI: 10.25248/reas.e310.2019. Disponível em: <https://acervosaude.com.br/revista/article/view/310>. Acesso em: 17 jul. 2023.

SILVA, I. R.; LIMA, A. M. Prevenção ao uso de drogas na escola: o papel do professor. **Revista Práxis Educacional**, v. 11, n. 17, p. 73-90, 2015. DOI: 10.22481/praxis.v11i17.777. Disponível em: <https://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/view/777>. Acesso em: 17 jul. 2023.

SOUZA, D. L.; MOREIRA, J. M. M. A prevenção ao uso de drogas no contexto escolar: revisão integrativa da literatura. **Revista Enfermagem Contemporânea**, Salvador, v. 7, n. 2, p. 198-206, out. 2018. DOI: 10.17267/2317-3378rec.v7i2.2010. Disponível em: <https://recisatec.com.br/revista/article/view/2010>. Acesso em: 17 jul. 2023.

UNODC. *United Nations Office on Drugs and Crime. World Drug Report 2020. Vienna: United Nations Publications*, 2020.

VELASCO, J. J. **Família e adolescência**: desafios para a prevenção ao uso de drogas. São Paulo: Paulus, 2009.

ZIMERMAN, D. E. (org.). **Drogas**: prevenção e tratamento. Porto Alegre: Artmed, 2005.

Recebido em: 01-10-2020  
Aceito em: 06-08-2025

